



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC**

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**ÉRICA VIDAL DE BRITO**

**CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA  
PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DIGITAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR  
DO USO DOS TABLETS**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**DEZEMBRO/2017**

**ÉRICA VIDAL DE BRITO**

**CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA  
PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DIGITAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR  
DO USO DOS TABLETS**

Artigo, apresentado ao curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito legal à obtenção do título de graduada Licenciada em Geografia.  
Área de concentração: Ensino de Geografia

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Josandra Araújo Barreto de Melo**

**CAMPINA GRANDE**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

B862c Brito, Erica Vidal de.  
Contribuições do estágio supervisionado em geografia na perspectiva da inclusão digital: relato de experiência a partir do uso dos tablets [manuscrito] :  
/ Erica Vidal de Brito. - 2017  
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Josandra Araújo Barreto de Melo, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Estágio Supervisionado. 2. Ensino e aprendizagem em Geografia. 3. Formação Inicial.

21. ed. CDD 372.891

ÉRICA VIDAL DE BRITO

**CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA  
PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DIGITAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA A  
PARTIR DO USO DOS TABLETS**

Artigo, apresentado ao Programa  
Graduação Em Licenciatura Plena em  
Geografia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito legal à obtenção  
do título de licenciado em Geografia.

Aprovada em: 19/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Josandra Araújo Barreto de Melo

Prof. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Prof. Mes. Maria Juliana Leopoldino Vilar

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nathália Rocha Moraes

Prof. Mestranda Nathália Rocha Moraes

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

---

*Dedico ao supremo Deus todas as conquistas até aqui alcançadas. Aos meus filhos: Pedro Henrique de Brito Cardoso e Lucas Emanuel de Brito Cardoso pelo amor que os tenho e que serviu de incentivo para fazer sempre o melhor por eles. Ao meu esposo José Aildo de Sousa Cardoso pelo amor, compreensão e apoio na concretização desse sonho. Aos meus pais: Edvan Cosme de Brito e Luciene Vidal de Negreiros Brito, por sempre me ensinar que nada é impossível quando se acredita em Deus e principalmente quando se luta para alcançar nossos objetivos e ao meu avô Camilo Vidal de Negreiros (in memórian) que sempre acreditou e se orgulhava pelas minhas conquistas.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por todas as bênçãos concedidas, por estar comigo e amparar-me em todos os momentos da minha vida e sobretudo nunca permitir que eu fraquejasse diante das tribulações, guiando sempre meus passos para que eu pudesse alcançar tantas vitórias.

Aos meus filhos, presentes maravilhosos e divinos, Pedro Henrique Cardoso e Lucas Emanuel de Brito Cardoso, os quais são minha força, meu alicerce e meu grande incentivo para continuar e buscar sempre fazer o melhor para eles.

A meu esposo, José Aildo Sousa Cardoso que partilhou comigo todos esses anos de muita luta, sempre com muita compreensão, amor e carinho, apoiando e incentivando a realização de cada um dos meus sonhos.

A toda minha família, o meu pai, Edivan Cosme de Brito pelo esforço em criar seus filhos com dignidade e em especial minha mãe, Luciene Vidal de Negreiros Brito que durante toda sua vida fez o impossível para que eu pudesse estudar, por fazer de mim a pessoa que hoje sou e me ensinar sempre que nada é impossível para aquele que crê e que põe Deus diante das suas lutas sem temer as dificuldades. Minhas irmãs, Edivania Negreiros Brito e Dayana Vidal de Negreiros Brito pelo amor e atenção de sempre, meu irmão José Leandro Vidal de Brito pelos ensinamentos e minha cunhada Maria Carolina Ferreira pela amizade.

A minha Sogra, Maria do Socorro Sousa Cardoso, pelo carinho e dedicação para comigo, que com suas palavras de bom ânimo e incentivo, sempre me ouviu e me ajudou diante das dificuldades.

Agradecer também, às minhas amigas Kalina Fernanda Cavalcanti Ferreira e Luzia Martins de Santana, amigas especiais construídas no decorrer da minha trajetória na graduação, pelos ensinamentos, incentivo, compreensão e as palavras de apoio nos momentos difíceis.

A todos os meus professores da graduação que contribuíram colaboraram e incentivaram minha permanência no curso, em especial minha orientadora Dr<sup>a</sup> Josandra Araújo Barreto de Melo, pelos ensinamentos e oportunidades únicas de aprendizagem, sobretudo, pelo apoio prestado, proporcionando-me galgar outros caminhos em busca da construção de uma profissional da educação comprometida com a melhoria da qualidade do ensino.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja, a tua prática.”

Paulo Freire.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	08
2	Fundamentação teórica.....	09
2.1	<i>A importância do Estágio Supervisionado na Construção docente.....</i>	09
2.2	<i>A escola enquanto campo de pesquisa na construção do processo ensino Aprendizagem .....</i>	12
2.3	<i>A importância do ensino de Geografia na formação do cidadão do século XXI.....</i>	15
2.4	<i>Contribuições das tecnologias no processo de ensino aprendizagem na disciplina de Geografia.....</i>	18
3	METODOLOGIA.....	22
3.1	Localização e caracterização da escola .....	22
3.2	Técnicas.....	24
4	Resultados e discussões.....	25
4.1	Percepção dos alunos quanto as aulas de Geografia e relação com as Novas tecnologias.....	25
4.2	Experiências desenvolvidas nas aulas de Geografia a partir dos tabletes educacionais.....	28
4.3	Análise do uso dos tabletes na construção do processo de ensino aprendizagem nas aulas de Geografia.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6	Abstract	34
7	REFERÊNCIAS.....	35

# CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DIGITAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO USO DOS TABLETS

Érica Vidal de Brito<sup>1</sup>

ericahvidal@gmail.com

Josandra Araújo Barreto de Melo<sup>2</sup>

ajosandra@yahoo.com.br

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo, promover um debate sobre as ações desenvolvidas na perspectiva da inclusão digital no ensino de Geografia, possibilitando relacionar as práticas exercidas no cotidiano escolar às contribuições do Estágio para a formação do futuro professor de Geografia, por meio do relato das atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado em Geografia IV, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo, localizado no município de Caturité-PB, o mesmo, foi desenvolvido na turma de 2º ano “B” do ensino médio, onde o principal recurso didático para o desenvolvimento das aulas foi o tablete. O método utilizado foi o fenomenológico, analisando a forma como os alunos se relacionam culturalmente, socialmente e sobretudo, como eles vivenciam o “espaço virtual” de forma particular, buscando compreender as diferentes formas de apropriação deste espaço vivido. Os resultados alcançados se mostraram satisfatórios, visto que o recurso utilizado foi eficaz no trabalho com os conteúdos da série, bem como, contribuiu no processo de ensino e aprendizagem, tornando-o dinâmico, compreensível e eficiente, uma vez que o tablete é um instrumento rico em informações para ampliação do conhecimento. Neste sentido, avalia-se que o desenvolvimento do Estágio constitui um diferencial na vida dos futuros profissionais, haja vista ter significados e interpretações que vão além da teoria, contribuindo com a melhoria da qualidade do ensino nas escolas, além de reconfigurar as práticas educacionais e comunicativas, de acordo com o novo cenário sociotécnico atual.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Ensino e aprendizagem em Geografia. Formação Inicial.

## 1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é um componente que proporciona aos alunos dos cursos de Licenciaturas o contato com a realidade na qual atuarão. Caracteriza-se como um momento de análise, de entendimento e apreensão do contexto real, constituindo-se como um elemento indispensável na formação profissional.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

<sup>2</sup>Professora do Departamento de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Coordenadora da Área de Geografia no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB.

Adicionalmente, constitui a oportunidade de relacionar teoria e prática, considerando que durante seu desenvolvimento o estagiário tem a oportunidade de pesquisar e encontrar caminhos que desfaçam os empecilhos que, na maioria das vezes, diminuem a qualidade da educação. Com a iniciação da prática pedagógica, além do contato com a sala de aula e o ato de ensinar, o estagiário tem a oportunidade de perceber os problemas tão visados e criticados, com um olhar diferenciado da realidade escolar possibilitando a oportunidade de viver a sala de aula como fonte de construção do perfil profissional, bem como, provocar o interesse pela busca de soluções para as adversidades diagnosticadas, sobretudo, na área de atuação, contribuindo assim, para a construção de um ensino com melhor qualidade.

Portanto, a etapa do estágio é uma experiência enriquecedora, caracterizada como um momento de construção de conhecimento teórico e pedagógico, promovida pela troca de informações entre professores e aprendizes, sendo importante para a construção profissional do estagiário, pelo fato dele vivenciar todas as inquietações despertadas no meio acadêmico, bem como construir um elo entre a academia e aquele professor que se distanciou dela.

Sendo assim, também é de fundamental importância para a universidade que estes futuros profissionais estejam convivendo e estudando acerca das realidades escolares, possibilitando-a diagnosticar e atualizar-se diante do cenário escolar, tomando esses prognósticos como fontes de pesquisas, que visam soluções para os problemas encontrados, além de fazer daquele espaço o qual seus alunos irão trabalhar futuramente, um campo de pesquisa ilimitado, já que a sociedade do século XXI encontra-se em constante transformação.

Mediante o exposto, o presente trabalho tem por objetivos relatar as experiências de práticas desenvolvidas na perspectiva da inclusão digital durante a realização do Estágio Supervisionado IV, componente obrigatório do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, com a finalidade de procurar demonstrar a importância do estágio na construção intelectual e afetiva do futuro docente.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A importância do Estágio Supervisionado na construção da prática docente**

O Estágio Supervisionado constitui uma iniciação do contato do aluno do curso de licenciatura com a sala de aula, é nele que haverá a convivência do licenciando com

os dilemas, desafios e compensações da realidade docente, levando à reflexão das possibilidades e da busca por uma identidade profissional especialmente relacionadas a construção da ética profissional.

Verifica-se que as horas de estágio durante a licenciatura são extremamente importantes para se perceber o quanto o professor tem um papel essencial na estruturação da sociedade. No entanto, esse período é pequeno, se considerada a dinâmica da realidade escolar, assim como as metodologias possíveis de serem utilizadas em sala de aula, de acordo com cada perfil escolar e de público na qual ocorrerá a iniciação, tal fato ocasiona o esvaziamento da pesquisa na maioria das oportunidades de estágio, conforme afirma Passini (2010):

Nas universidades, os alunos dos cursos de licenciatura em Geografia raramente desenvolvem projetos de pesquisa destinados a compreender e propor alternativas para melhoria no ensino fundamental e médio” (ibidem, p.19).

Por esse motivo, percebe-se a necessidade do conhecimento, do estudo e do interesse pela vida e pelo cotidiano dos alunos, para a melhor adequação das técnicas de ensino na busca pelo conhecimento da real situação das escolas, em especial da rede pública.

A efetivação do estágio pode ser considerada como uma provocação ao futuro profissional da educação sobre a principal tarefa do professor e seu compromisso com seus alunos. Pontuschka (2002, p.235) ressalta esse compromisso quando diz que “é preciso formar uma consciência espacial para a prática da cidadania, como sinônimo de perceber o espaço como um elemento importante de nossa organização social, presente no nosso cotidiano”, levando-o a perceber que sua missão não é simplesmente levar o conhecimento para a sala de aula e sim buscar formar cidadãos críticos, conscientes de sua realidade e dispostos a lutar pelos seus direitos.

Entretanto, devido à grande diversidade de realidades, não há uma fórmula pronta para dar aula. Nesse sentido, um dos grandes “obstáculos na formação desses profissionais ainda fundamenta-se na dificuldade de rever estratégias” (PONTUSCHKA 2002, p.227) que aproximem o aluno e o professor, o conteúdo e a realidade. Nesse aspecto, Morales (2004, pag. 13) mostra “que nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado; buscar seu êxito e não o seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com nossos alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo profissional”.

Se, por um lado, o objetivo maior do estágio consiste na contribuição para a construção do perfil do professor, não só como mestre, mas como construtores de “personalidades morais autônomas, críticas, que almejem o exercício competente da cidadania” (ARAÚJO, 2002, p. 41), as conclusões das observações ou até mesmo do pouco tempo de contato como estagiários na sala de aula, mostram uma realidade bem diferente. Em seu retorno, como afirma Kimura (2008).

Normalmente, nas conversas com alunos do curso de graduação, com professores em geral e os de Geografia em especial, costumam ser levantados um rol de imensos problemas de diversas naturezas. Dessa maneira, acaba-se traçando um quadro bastante penoso, constituindo, porém, um cenário real vivido muitas vezes até com sofrimento por aqueles que frequentam a escola (Ibidem, p. 18).

Nessa perspectiva, Passini (2010) critica, muitas vezes, a falta de maior aproximação entre escola e universidade. Na verdade, essas duas instituições são formadoras de cidadãos, só que um será formador e construtor de personalidades e outro, o sujeito que ainda passa por esse processo. Dessa forma, é sugerido que haja uma parceria entre estas instituições, tanto na contribuição para a melhoria qualidade da educação pública, como na melhor formação dos futuros profissionais.

Dessa forma, a implementação dos estágios é duplamente importante, sendo uma excelente oportunidade para o crescimento profissional dos licenciandos, que tem a possibilidade lidar com dificuldades como administração dos conteúdos, de acordo com a realidade de cada aluno, e para os professores regentes, que tem a oportunidade de dialogar com os estagiários e, conseqüentemente, enriquecer e/ou atualizar os seus métodos.

Kimura (2008 p.20) destaca a dificuldade dos estagiários diante da falta de recursos, “vemos alunos vindos dos estágios de prática ensino assustados por terem seus projetos didáticos dificultados ou até mesmo de um simples mapa-mural, material tão importante para o ensino de Geografia”.

Esses aspectos devem ser realçados para que o estagiário, ao voltar do estágio, não repita os mesmos diagnósticos incansavelmente, mas que traga para as escolas alternativas legítimas e palpáveis, no processo de ensino-aprendizagem. Sobre o que está sendo dito, Chaigar apud Rego et al. (2007, p.77/78) conclui que “a prática na sala de aula traduz uma práxis de vida alinhavada por concepções e por representações sobre o mundo e as relações sociais das quais faço parte.”

Para Kimura (2008, p.21) essa é a verdadeira construção da prática e a legitimidade do professor.

Esse é o fazer do fazer-pensar pedagógico e geográfico, que faz a essência da Escola Básica. Quando esse fazer fica comprometido ou dificultado, os impedimentos ou obstáculos ganham vulto no campo das estratégias educacionais, pois expressam a precariedade das políticas vigentes, tanto na gestão doméstica como na gestão de sistema.

Nesse aspecto, o estágio contribui em muito na construção dos futuros profissionais, que conhecem e reconhecem o sistema, mas não se fazem refém do mesmo. A prática crítica é construtora. Assim, como diz a literatura:

As habilidades do professor, considerando-o o sujeito próprio do currículo, fonte de estimulação particular. Daí resulta entendimento de que sua formação cultural e pedagógica seja o primeiro elemento determinante da qualidade de ensino (PONTUSCHKA, PAGANELLI; CACETE 2007,115).

Compreende-se assim, que a carreira da docência não é simples, principalmente quando se trata da área de Geografia, que se apoia em várias áreas do conhecimento. Partindo desse pressuposto, surge a importância do estágio, pois é diante de complexas e inusitadas situações que esse profissional tem a oportunidade de conhecer as falhas, promover a busca pela qualidade do ensino, ao mesmo tempo em que aprimora suas técnicas, pondo em prática as teorias vistas em sala de aula e, assim, vivencia o espaço de estudo, utilizando-o para o seu desenvolvimento intelectual e profissional, além de compreender que tipo de profissional ele deseja ser.

## **2.2. A escola enquanto campo de pesquisa na construção do processo ensino-aprendizagem**

A escola constitui-se de um ambiente muito complexo, vários cheiros, modos de pensar, de agir, de sentir e se expressar, cada uma com suas qualidades e defeitos, olhares e pensamentos totalmente diferentes. É essa complexidade que faz do ambiente escolar um campo vasto para a pesquisa, sendo o ambiente escolar composto por uma teia de relações totalmente distintas, mas que, ao mesmo tempo, precisa andar em conjunto para o êxito do processo ensino-aprendizado.

Antes de tudo, é necessário que se entenda que a escola é um ambiente coletivo, que deve agir além da construção da aprendizagem, nas personalidades morais autônomas e críticas. Nessa perspectiva, Kimura (2008) ressalta que.

O trabalho escolar não é mecânico, é de sujeitos coletivos, e o objetivo final não é um produto material ou lucro, e sim a apropriação do conhecimento e enriquecimento intelectual de toda comunidade escolar; portanto, nesse espaço social de construção, cada participante precisa agir cooperativamente, com a intenção de complementar o trabalho do outro[...] (Ibidem, p.22)

Dessa forma, é preciso entender também que os sujeitos coletivos não são apenas aqueles que estão dentro da escola, mas todos os órgãos que a compõem: família, gestões municipais, estaduais e federais, para que sua democratização aconteça, de fato, alcançando níveis de qualidade, ainda sobre estes, Paulo Freire em suas contribuições no caderno II da segunda etapa de formação de professores do Ensino Médio, Freire in Trindade et. al (2014, p.36) destaca a importância da “... Compreensão da cultura, que envolve as dimensões éticas e estéticas de seu tempo... e são fundamentais para a criticidade da análise do produto cultural.”

Dentro da enorme teia de relações que há dentro da escola, há um vasto campo de pesquisa, tanto para aquele que já leciona há bastante tempo, como para aqueles que ainda estão em fase inicial, pois por serem ambientes mudam continuamente suas relações de escola para escola, de público para público, de professor para professor, de aluno para aluno, levantam uma série de questionamentos a cerca destes. Enfim, em seu conjunto, é possível afirmar que nenhuma escola é igual à outra, dando a ela um espaço muito amplo para o estagiário, em especial de forma mais distante, ampliar seus conhecimentos e contribuir, acima de tudo, para a melhoria da educação brasileira.

A escola é um espaço de construção de conhecimento coletivo. As infraestruturas - tanto de apoio pedagógico como de pessoal- poderiam ser auxiliares para desenvolver ações com o objetivo de provocar melhoria do processo de ensino aprendizagem, principalmente na construção de coletivos inteligentes.” (PASSINI 2010, pag.80)

Quanto a essa questão, ressalta-se o fato de os estagiários, em sua maioria, se ocuparem mais com questionamentos sobre as formas de organização dos conhecimentos escolares e como tais devem ser prescritos. É uma fase muito importante, pois nela o professor tem um suporte no âmbito das suas inquietações, questionamentos e dúvidas, nas mais diferentes situações, fator que contribui ainda mais com a prática docente. É importante lembrar que esses termos de coletividade do espaço escolar nem sempre se sobressaem em todos os ambientes e, para isto, é preciso que o professor conte com certa experiência na tomada de decisões, constituindo-se mais um ponto na construção do perfil do docente.

O interesse da pesquisa se desloca sensivelmente para uma visão de que a escola tem uma cultura particular, assim como os estudos da Geografia também apresentam particularidades quando produzidos nas escolas. Nesse sentido, a escola e seus componentes são apenas um destes espaços de formação, sendo o estagiário responsável pelo campo de investigação, aquele que está relacionado a tudo o que é produzido para a melhoria da qualidade do ensino, e não como um simples agente observador e duramente crítico às situações vivenciadas.

Nesse sentido, é importante que o estagiário se proponha como um pesquisador com a responsabilidade de analisar e buscar desenvolver ações que visem solucionar a problemática referente a dificuldade que muitos professores têm de criar condições de produção de conhecimento em ambientes precários de materiais didáticos ou até mesmo condicioná-los a fazer uso dos inúmeros recursos que a escola disponibilize, contudo, o interesse do estágio voltar seus olhares para estes espaços, fazendo com que atualmente essa ideia do observador duramente crítico seja desconstruída e passe a existir um pesquisador produtor de conhecimento.

Algumas facetas instigantes sobre as escolas constituem-se pela busca em articulá-las as categorias de gênero, classe, raça, geração, etnias, entre outras, como instrumento para entender as ações e os lugares ocupados pelo seu público, envolvendo-os na teia que misturam e fabricam as culturas escolares. De fato, Pimenta e Lima (2012) destacam a importância dessa compreensão e flexibilidade dentro dos vários eixos que envolvem a teia escolar:

Nesse sentido, é preciso compreendê-la em suas contradições: ao mesmo tempo em que reproduz a lógica do capital e do capital cultural, revelar possibilidades e os limites para “*o desenvolvimento das habilidades e formas de conhecimento necessárias para a transformação social*”. Para isso, faz-se necessário a análise das instituições e de suas práticas em sua complexidade, verificando-se como afetam os alunos de diferentes classes sociais, como reproduzem as discriminações em suas práticas e relações, mas também como autoproduzem condições de superação dessas práticas e relações (Ibidem, p. 109).

Assim, é preciso analisar o conjunto das normas e práticas definidoras dos conhecimentos que aquela sociedade desejava que fossem ensinados, e os valores e comportamentos a serem impostos. Esses elementos nem sempre são visíveis nos registros oficiais o que, muitas vezes, faz-se necessário, lê-los de forma diferente, para procurar as respostas referentes às questões levantadas.

Portanto, admitir o espaço escolar e sua cultura como forma de analisar as questões do sucesso ou não do processo de ensino aprendizagem, significa não poder

tomá-la como um instrumento de análise. Essas tentativas de operacionalizá-las podem destruir suas implicações teóricas e reduzir a análise da escola à procura de elementos isolados que a descrevam apenas na superfície. Portanto, esse reducionismo pode trazer equívocos na interpretação dos problemas do cotidiano da escola, acrescidos de olhares excessivamente ligados a hipóteses de pesquisas predefinidas em função daquilo que acredita-se já saber de forma universal.

Nesse entendimento, Compiani in Pontuschka e Oliveira et al. (2010, pag.176) destaca em seus ensaios sobre interdisciplinaridade um ponto aqui analisado, quando se fala da escola ser tratada como um todo, a respeito, ele destaca a necessidade de “...criar entre professores a atenção para um ambiente escolar de aprender a observar e de aprender com as comunidades, incorporando os recursos culturais que os alunos trazem para as escolas.”

Contudo, a importância dada ao espaço escolar e a formação de professores reflexivos na construção de sujeitos críticos dá ao ambiente escolar a característica de um espaço singular que precisa ser trabalhado em conjunto e com as atenções voltadas para o seu público, nesse sentido, auxilia tanto a pesquisa com a finalidade de compreensão individual desses ambientes complexos, quanto na construção da cidadania e a necessidade da escola enquanto instituição reconhecer sua própria realidade e a capacidade da comunidade instrumentalizar e agir sobre esse meio.

### **2.3. A importância do ensino de Geografia na formação do cidadão do século XXI**

No passado, o ensino de Geografia era pautado, essencialmente, na descrição dos aspectos naturais do Planeta, transmitido aos alunos um conjunto de informações sem sentido contextual a ser memorizado. Para tal pensamento, Andrade (2008) destaca que a Geografia era meramente conhecida como,

Um ramo do conhecimento informativo, que não estimulava a reflexão mais profunda... fortalecido pelo próprio expansionismo colonial... que se preocupava, sobretudo com a catalogação do que poderia tirar dos povos e países conquistados, militar ou economicamente" (ibidem, p. 20).

Portanto, os estudantes e professores se defrontavam com muitas dificuldades provocadas pelas mazelas advindas dos métodos de ensino adotados por uma sociedade exploradora e com a simples finalidade de informar a respeito da várias áreas do globo terrestre.

Com as transformações na ciência geográfica, o seu ensino também começou a mudar e, na atualidade, apresenta uma ótica inovadora dos conteúdos, dentro de uma concepção de que a Geografia é uma ciência que trata do espaço físico, social humano e político. Como tal, precisa ser estudada e compreendida como noção que se refere ao desenvolvimento de competências relacionadas à localização, à orientação, à expressão gráfica, e as relações espaciais, tecnológicas inseridas no contexto, questões estas que Kimura (2008 p.29) enfatiza que “a escola não está isolada do contexto no qual ela se encontra, é necessário destacar a sua relação direta com a família, com a comunidade local na qual ela se insere e com a sociedade em geral da qual ela é integrante”.

Segundo Araújo (2002 p.41), “o objetivo central de educação deve ser a construção de personalidades morais autônomas, críticas, que almejem o exercício competente da cidadania”. Portanto, para que essa criticidade seja desenvolvida é preciso que haja uma proximidade entre professor, aluno, cotidiano e sala de aula enriquecendo os conteúdos e diminuindo as fronteiras entre as relações. Essas ações promovem uma valorização por ambas as partes e torna a escola democrática e acessível para todos, de forma igualitária.

Nesse entendimento, as novas concepções acerca da prática do ensino de Geografia, em especial no nível médio, objetivam proporcionar ao educando um estudo significativo da Geografia, e é para os estagiários a possibilidade de estar correlacionando a teoria vivida na universidade às práticas em sala de aula, conhecendo as dificuldades e os caminhos a serem percorridos sendo, assim, um passo significativo para os futuros educadores.

Por ser uma ciência de muitos saberes, que envolve muitas áreas do conhecimento, a Geografia tem a possibilidade de garantir uma maior proximidade entre os conteúdos, a experiência de vida de cada aluno e o reforço entre o conhecimento específico por meio das demais ciências. É de extrema importância que se possa entender o que a Geografia pode ensinar e para que estudamos esta ciência, que vai além de uma simples disciplina acadêmica e pode transformar uma sociedade conformada em uma sociedade consciente e participativa.

Passini (2010 p.24) afirma que “a formação do aluno investigador no ensino básico contribuirá para que na universidade ocorra a continuidade do processo de melhoramento do profissional que não separe o ensino da pesquisa.” Dessa forma, cabe ao estagiário não apontar os erros e as falhas contínuas e sim soluções para resolução de situações conflituosas, que, na maioria das vezes, requerem ações simples, porém que

estão distantes devido à sobrecarga do trabalho escolar e a própria degradação física na qual se encontram grande parte das escolas públicas, consistindo aí o maior desafio do estagiário, levar estímulo tanto para os profissionais que ele observa quanto para os alunos.

O problema presente no ensino desta disciplina se acha exatamente no modo como é transmitida, na maioria das vezes, é apresentada de modo Tradicional, sem deixar que o aluno reflita sobre os acontecimentos e consiga estabelecer uma relação com o que está sendo ensinado. Esse modo tradicional de ensinar Geografia, sem questionamentos ou qualquer contribuição dos alunos reflete na visível resistência e empatia por parte do educando, se tornando uma disciplina pouco atrativa, tanto na metodologia quanto nos conteúdos apresentados de forma “solta”, sem usar de subsídios oferecidos pela sociedade, que possam transformar as informações em algo palpável, possível de enxergar no mundo de hoje, deixando de ser uma disciplina que desperta tédio e desinteresse.

A relação entre professor e aluno é o instrumento fundamental na construção do conhecimento, e isto se aplica perfeitamente à práxis de um professor de Geografia. A este respeito, Morales (2004, p.16) afirma que, “[...] se nos fixamos apenas no formal e deixamos de fora do campo de nossa atenção - o informal, podemos deixar de fora a própria vida”, mostrando que se deixar de haver essa relação o ensino de Geografia se resumirá em uma aula de interpretação de textos, que travam a criatividade dos alunos.

Portanto, faz parte da tarefa do professor não apenas ensinar os conteúdos, mas também estimular, promover, possibilitar, orientar a pensar com profundidade e não apenas com superficialidade na compreensão dos fatos, nas situações de relacionamento, na vida em geral. Nesse sentido Anastácio (2009) mostra que,

A Geografia por ser uma ciência interdisciplinar, e por conter aspectos e abordar temas de ciências, tanto das chamadas sociais como quanto das naturais – o que está ao seu favor quando o novo paradigma assume a causa da Inter e transdisciplinaridade para explicar o mundo contemporâneo – tem se revelado fragmentada, distanciando-se cada vez mais do seu ideal, que é o de despertar para o saber pensar, de despertar o sentido crítico na relação sociedade/ natureza... incentivando as especializações dentro da ciência, portanto deixando de ser totalizante [...] (Ibidem, p.5).

No entanto, é perceptível que a disciplina de Geografia possui armas suficientes para se tornar uma disciplina formadora de cidadãos críticos, pois consegue relacionar-se perfeitamente com a sociedade, consegue tocá-los de várias formas sobre vários temas o que acontece e maneira que esta é aproveitada e é ter a certeza que da escola podem sair grandes cidadãos conscientes e críticos almejando um mundo melhor.

Porém, o que vai possibilitar a amplitude desse conhecimento é a forma na qual se estabelece a relação com o ensino e a aprendizagem entre professor e aluno e a forma como ocorre a contextualização, pois esta deve ocorrer de forma responsável, em que os caminhos possam ser abertos para vários tipos de pensamentos que despertem as mudanças de opinião, ampliando, assim, o conhecimento e não limitando-o.

#### **2.4. Contribuições das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Geografia**

A Geografia escolar surgiu antes mesmo da Geografia se tornar ciência autônoma, embora sua representatividade tenha se ampliado a partir da criação dos primeiros cursos de formação de professores nesta área, mais precisamente na segunda metade da década de 1930, a partir da criação dos cursos da Universidade de São Paulo e do Distrito Federal. Este ensino foi estruturado com base nos pressupostos do método tradicional, o que o caracterizou, conforme Vesentini et al (2004, p. 220) “como mnemônico e descritivo alicerçado no esquema ‘terra e o homem’”.

No entanto, inerente aos avanços da própria ciência geográfica, a disciplina de Geografia passou por reformulações desde sua concepção até sua função na construção da sociedade. Para tal, Vesentini (2004) ainda destaca que:

O ensino da Geografia no Brasil vive uma fase decisiva, um momento de redefinições impostas tanto pela sociedade geral – pelo avançar da terceira revolução industrial e da globalização, pela necessidade de (ré) construir um sistema escolar que contribua para a formação de cidadãos conscientes e ativos (Ibidem, p.220).

Sendo assim, faz-se necessário que os docentes saibam lidar com os novos desafios na sala de aula do século XXI, onde a partir do advento da globalização o acesso à informação mostra-se cada vez mais acessível em algumas classes sociais, ao mesmo tempo em que torna-se cada vez mais distante de outras. Neste aspecto, Saviani et al (1994, p.160), denota o importante fator que

A sociedade capitalista é baseada na propriedade privada dos meios de produção. [...] se os meios de produção são propriedade privada, isso significa que são da classe dominante. [...] na medida em que o saber se generaliza e é apropriado por todos, então os proprietários passam a ser meio de produção (Ibidem, p. 160).

Analisado do ponto de vista escolar, podemos perceber um modo de produção taylorista, o qual impõe à escola a missão de dar doses homeopáticas de conhecimento a

uma parte da sociedade e fornecer o próprio conhecimento a outra. Para tanto, é imprescindível destacar a contradição a qual contribuiu para a escola ganhar uma nova função que não seja a educação para o trabalho. Nesse aspecto, Savani et al. (1994, p.160) destaca que “na essência do capitalismo o trabalhador não pode deter o saber, ele também não pode produzir, porque para transformar a matéria precisa dominar algum tipo de saber”

Entretanto, percebe-se que a produção moderna coletivizou o trabalho e isso implica em conhecimento do conjunto do processo, muda também a relação e a função da escola, que deixa de capacitar um trabalhador e passa a ter como princípio formar um cidadão crítico e dominador dá uma grande pluralidade de conhecimentos.

Portanto, percebe-se um avanço muito rápido, tanto na condição da escola, quanto na própria sociedade nela inserida, pois o momento histórico que estamos vivenciando onde a sociedade antes operária, agora necessita dominar e deter as tecnologias para que, assim possa acompanhar as transformações em curso. Tal sociedade impõe novos desafios aos profissionais da educação, além de levar “o ensino de Geografia a ser questionado pelas autoridades, pelos educadores e pelo público em geral”, como destaca Vesentini (2004, p. 220).

Portanto, o processo de globalização na sala de aula, tem sido apontado aqui como uma das principais características da contemporaneidade. Trata-se de um processo complexo e diverso, no qual os sujeitos envolvidos participam de modo diferente, sem que isso implique numa maior justiça social ou maior aproximação entre seu desempenho, seu uso e na contribuição com o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse processo, observa-se maior interdependência entre as escalas nas quais os fenômenos e fatos espaciais ocorrem, com maior e mais intensa comunicação entre pessoas levando, no caso das escolas públicas, à experiências simultâneas (mas não homogêneas). Sobre esses fenômenos culturais, é importante lembrar o acesso facilitado, tanto à informação quanto à tecnologia e o acesso prático e rápido à internet em algumas regiões, que levou professores e escolas a levantaram importantes questionamentos quanto ao uso dessas tecnologias na sala de aula, dentre eles a dificuldade que escolas, pais e professores tem em administrar o uso destes meios, em especial em sala de aula, travando uma importante batalha entre professor, aluno e as tecnologias digitais.

Mediante o exposto, percebe-se que a “Geografia escolar [...] vive um momento rico e complexo, com uma intensidade de caminhos o que, não por acaso,

coincide com as profundas redefinições no sistema escolar”, como afirma Vesentini (2004, p. 221). A análise deste nos permite entender que a Geografia não se estagnou diante das transformações ocorridas, a criticidade na leitura do espaço geográfico atual, a permite desenvolver um leque de opções na adequação da mesma ao mundo global.

No entanto, a discussão se insere no fato de que meios existem, podem ser explorados no ensino, estes são conhecidos, mas não acessíveis por todos. Assim, percebe-se que professores reconhecem a necessidade de dominarem o uso dessas ferramentas, pois as tecnologias são produtos e meios de relação homem natureza, de modo que vivemos diante de um cenário de grandes transformações de cunho social e econômico, que estão revolucionando os modos de comunicação e de relacionamento, produzindo um imenso intercâmbio de produtos e práticas socioculturais, tornando-se inevitável que essas mídias adentrem no cotidiano.

Porém, o grande desafio da educação, em especial no ensino de Geografia, no século atual, consiste tanto na velocidade em que ocorrem as transformações dessas tecnologias quanto na acessibilidade e domínio que docentes e discentes têm sobre essas ferramentas. Essa associação traz para as escolas e os docentes uma busca incessante de meios para promover a introdução desses recursos na sala de aula, com o objetivo de tornar o processo de ensino e aprendizagem mais atrativo, próximo do cotidiano do aluno e, conseqüentemente, mais eficiente.

Dessa forma, é inegável que a introdução das tecnologias da informação e da comunicação na escola traz muitas contribuições, entretanto, esse fator acarreta também alguns problemas. Nesse sentido, a nova realidade traz em pauta diferentes questionamentos, dentre eles a forma como os conteúdos são trabalhados e a irregularidade de acessibilidade dos meios, tanto pelos sujeitos envolvidos, quanto pelas instituições de ensino, principalmente no que se refere à rede pública de ensino, onde essa divergência se amplia ainda mais.

Quanto à questão das críticas a estas ferramentas, muitos profissionais da educação questionam o fato destes receberem as informações muito limitadas ou simplificadas ao máximo, contribuindo para a construção de sujeitos cada vez mais alienados, pouco críticos e com pouca capacidade de interpretação, impedindo que os mesmos reflitam sobre algo. A esse respeito, a Geografia crítica responde de forma significativa quanto a introdução destes meios que, acima de tudo, contribuem no estudo e na interpretação do espaço. Para isso, Vesentini (2004, p. 227) destaca que dentro dessa criticidade “o objetivo[...] é levar o educando a compreender o mundo em que

vive, o espaço geográfico desde a escala local até a global”, fator pelo qual os produtos tecnológicos são riquíssimos aliados, tanto na amostragem quanto na própria vivência dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Diante do exposto, é notória a necessidade da introdução das tecnologias no ensino, pelo fato destes estarem cada dia mais próximas do ambiente escolar. Nesse aspecto, deve-se admitir que as informações estão muito próximas dos alunos, ao mesmo tempo que os conteúdos são mais atrativos, dinâmicos e com uma leitura de fácil compreensão.

Portanto, nos vemos em um caminho de mão dupla, no qual a decisão de ceder espaço às tecnologias digitais consiste no fato de muito docentes entrarem no terreno de nativos digitais que, além de admitir a invasão de migrantes digitais em um espaço por eles pouco conhecido e extremamente atrativo para o seu público.

Sobre esse aspecto, o Brasil, frente a uma série de fatores de desvalorização da educação e diante de uma extensa desigualdade social, se supera em muitos casos, como destaca Vesentini (2004) afirmando que,

As intensas discussões travadas no seio do professorado de geografia- tenha contribuído para gerar essa riqueza e complexidade, fazendo que os docentes se sentissem mais livres para inovar, para experimentar diferentes caminhos, não para continuar com a rotina do tradicional. Por esse motivo, o Brasil é um caso especial no tocante ao ensino da geografia: por um lado, é um país no qual o professorado vê com inveja os melhores salários e condições de trabalho [...], mas por outro lado, é uma realidade vista com respeito por numerosos geógrafos-educadores de outros países [...] que procuram estudar, verificar as possibilidades de adaptações à sua realidade” (Ibidem, p. 221).

Entretanto, negar esta realidade ao espaço escolar, consiste no fato de permitir que ele se estagne, tornando-se pouco atrativo e, conseqüentemente, fora da realidade de seu público, principalmente pela reflexão de que tudo que está sendo exposto de forma tradicional está exposto na internet, de forma clara, simples e dinâmica. Diante dos fatos, quais caminhos devemos escolher enquanto formadores de opinião?

Para este questionamento, o Programa de Desenvolvimento da Educação – PDE desenvolveu um projeto que tem como meta principal a disseminação do uso pedagógico da tecnologia digital nas práticas pedagógicas, visando à construção de competências amplas da cidadania e do desenvolvimento humano. Esta ação está vinculada ao programa do PROINFO, onde professores recebem uma formação acerca das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, voltados ao entendimento dos programas adotados no sistema operacional Linux.



A referida escola disponibiliza séries do ensino fundamental e médio, sendo o último oferecido nas modalidades regular e EJA, nos turnos manhã, tarde e noite. Neste caso, trabalhou-se durante o primeiro semestre letivo de 2014, na turma de 2º ano b do Ensino Médio; modalidade regular, composta por 30 alunos frequentes na turma, com idades entre 15 e 32 anos. A Figura 2 apresenta a fachada da unidade escolar.

**Figura 2:** fachada da E.E.E.F.M. Félix Araújo, Caturité, PB.



Fonte: BRITO 20/07/2014

Ao analisar a primeira vista o espaço utilizado para pesquisa, percebe-se que se trata de uma escola pequena, mas que acolhe um grande número de alunos, possui ainda uma estética típica das escolas do período militar, que lembram a ordem, disciplina e o ensino tradicional conteudista, através dos métodos tradicionalistas, além de localizar-se num município de grandes disparidades socioeconômicas, fator que traz para a sala de aula um choque de realidades entre alunos e entre a própria instituição de ensino e a realidade de tempo e função a qual ela está inserida atualmente.

### **3.2. Técnicas**

Foi desenvolvido um projeto de intervenção durante o Estágio Supervisionado IV, disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Geografia, que buscou conferir aos tabletes distribuídos na rede escolar a função de suprir as deficiências do livro didático, através da alocação nos mesmos de textos complementares aos conteúdos do currículo, procurando articular as diversas escalas geográficas à escala local.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, embora se utilize de dados quantitativos, já que além de preocupar-se com a quantidade de alunos que tem acesso à internet, leva em consideração também a qualidade e a frequência desse acesso.

A execução do estudo dependeu de algumas etapas com a finalidade de alcançar os objetivos, entre elas:

1) A apresentação do projeto para a turma, justificando a introdução dos tablets nas práticas, devido à ausência de livros didáticos enquanto instrumento de consulta e suporte no processo de ensino e aprendizagem e também provocando a superação dos desafios, pelo fato de nem todos os alunos dominarem a tecnologia, além de a escola não oferecer suporte de internet para um uso mais proveitoso do mesmo.

2) Em seguida, foi elaborado um questionário buscando identificar a percepção dos alunos quanto ao ensino da Geografia, a partir de suas experiências no ensino fundamental e médio, assim como identificar o nível de contato dos alunos com o computador e suas ferramentas básicas, além da acessibilidade a internet, fomentando a maior abrangência possível do conhecimento.

3) O levantamento dos dados foi realizado por meio de um questionário aplicado na turma do 2º ano B do ensino médio com 30 alunos que compõe a sala.

4) No desenvolvimento do projeto, a estagiária elaborou o material de acordo com as necessidades da turma e em concomitância com o currículo, preparando seus materiais e compartilhando com alguns alunos via *Bluetooth* e estes passavam para os demais colegas, de forma a valorizar o conhecimento dos alunos, ampliar o ciclo de amizades e promover a inclusão digital.

Há de se ressaltar que o desenvolvimento do projeto só foi viável em virtude da utilização da modalidade *off line*, uma vez que a escola não dispõe de rede wi-fi, dessa forma a estagiária salvou nos tablets dos alunos todo o material utilizado na intervenção.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1. Percepção dos alunos quanto as aulas de Geografia e relação com as novas tecnologias**

A partir dos questionários aplicados, identificou-se que a maior parte dos alunos reside na zona rural do município de Caturité e que as experiências com a disciplina e o ensino de Geografia, de modo geral, foram apresentadas como pouco satisfatórias, haja vista os alunos considerarem aulas monótonas, onde o único recurso utilizado era o quadro de giz e o livro didático” e que a forma como os conteúdos eram trabalhados não aproximavam os objetivos do ensino de Geografia ao cotidiano do aluno.

Nesse sentido, verifica-se que os próprios alunos percebem problemas metodológicos no desenvolvimento das aulas de Geografia, fato preocupante, uma vez que diante do cenário atual, uma vez que não é permitido ao professor ser apenas aquele que transmite o conhecimento, mas, sobretudo, aquele que subsidia o aluno no processo de construção do saber.

Destarte, é imprescindível ser um profissional que domine não apenas o conteúdo de seu campo específico, é necessário que sejam desenvolvidas ações metodológicas e didáticas eficientes na missão de organizar o acesso ao saber pelos alunos. E não apenas o saber de determinadas matérias, mas o saber para a vida; o saber ser gente, com ética, dignidade, valorizando a vida, o meio ambiente, a cultura.

Para a construção desse saber, Cavalcanti (2010) destaca a importância do desenvolvimento das habilidades de lidar com linguagens alternativas na análise geográfica, entendendo-se por estas, além da linguagem verbal e outros gêneros de texto, o filme, o documentário, a música, a fotografia, literatura, textos jornalísticos, internet, jogos, enfim, uma série de alternativas que se adaptam inteiramente às necessidades das turmas, deixando sob a responsabilidade do professor a sensibilidade necessária para direcionar o conhecimento, através destes.

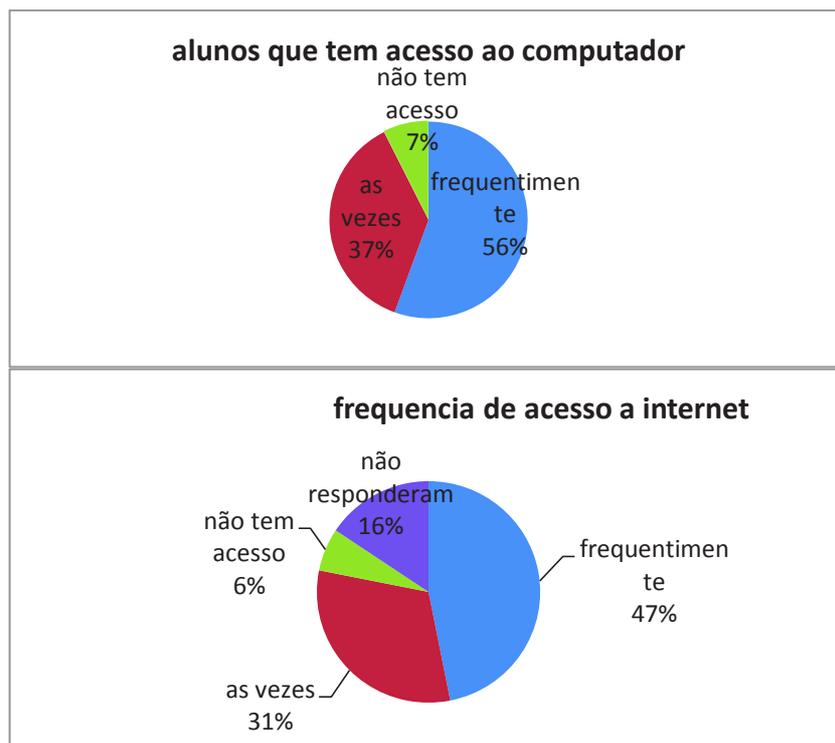
Em outras palavras, muito mais que transmitir conteúdo das matérias curriculares organizadas/programadas para o desenvolvimento intelectual da humanidade, é preciso ensinar a ser cidadão, mostrar aos alunos seus deveres e seus direitos, subsidiando-os para que saibam defendê-los. Nesse contexto, Passini (2010) afirma que:

É essencial que, antes da utilização de qualquer recurso técnico nas aulas, o professor entenda a importância da leitura e da escrita para o funcionamento do sistema cognitivo do aluno. O aparato tecnológico não pode substituir a importância de investigar para aprender, mas deve ser considerado apenas como um meio do processo investigativo (Ibidem, p. 81).

Tais constatações a partir da literatura subsidiam os presentes resultados, uma vez que a metodologia empregada durante o Estágio Supervisionado mostrou-se bem aceita e suscitou maior participação e interação entre os alunos.

Com relação ao uso frequente do computador, suas ferramentas e aplicativos, a Figura 3 apresenta os respectivos percentuais.

**Figura 3:** Uso frequente do computador, acesso à internet e conhecimento de suas ferramentas básicas.



Fonte: arquivos de Brito 20/07/2014

A partir das informações dos gráficos, foi possível perceber que mesmo sendo, em sua maioria, provenientes da zona rural e com renda média equivalente a um salário mínimo por casa, 56% dos alunos tem acesso constante ao computador e possuem conhecimentos prévios acerca de suas ferramentas básicas, 37% afirmaram que, mesmo sem ter a ferramenta em casa, eventualmente o utilizam para pesquisas escolares e apenas 7% não tem conhecimento algum sobre o uso do mesmo.

Em contrapartida, foi visto que dos 56% dos alunos que tem computador em casa, apenas 47% tem acesso constante a internet, 31% desses tem acesso cerca de duas a três vezes por semana, o que mostra que a porcentagem de alunos que tem conhecimento e acesso à internet é bem superior aos que desconhecem o uso do mesmo, quando 6% afirmam que não tem acesso de forma alguma ao meio de comunicação e 16% optaram por não responder.

A partir desta análise, foi possível perceber que o acesso à internet está cada vez mais viável aos alunos das escolas públicas, fato que, conseqüentemente, os leva a obter conhecimentos básicos sobre a ferramenta e subsídios suficientes para contribuir com a efetivação do projeto, pois a porcentagem pequena de alunos que não tem domínio sobre a informática pode ser suprida com um trabalho em conjunto.

Nesse sentido, Passini (2010, p. 37) trata de um ponto muito importante quando se trata desse conhecimento prévio da turma, afirmando que “a aula é um momento muito rico de significados; toda aula de todos os graus de ensino é um acontecimento social e cultural, com diferentes sujeitos que reconstruem coletivamente um novo saber” e, por isso, é preciso buscar métodos que promovam o desenvolvimento social e crítico do aluno sem excluí-lo de sua realidade e, por outro lado, contribuir para a sua inclusão.

Os resultados desta pesquisa estão em consonância com os obtidos por TAVARES, SANTOS e ALMEIDA, na ocasião os tablets também foram utilizados em turmas de segundo ano do ensino médio, em uma escola estadual localizada no Distrito de Galante, Campina Grande- PB. Na atividade desenvolvida os tablets tiveram como principal função o uso de imagens extraídas da internet que pudessem ser utilizadas em sala de aula como meio de desenvolvimento de habilidades cognitivas, além de permitir “aos usuários interagir e compartilhar conteúdos”.

#### **4.2. Experiências desenvolvidas nas aulas de Geografia a partir dos tablets educacionais**

Os tablets educacionais foram utilizados como principal meio didático para exposição e explicação dos conteúdos básicos propostos pela grade curricular do ensino de Geografia para o 2º ano do ensino médio. Na ocasião, o tema trabalhado foi a formação territorial do espaço brasileiro, contudo, foi compartilhado via bluetooth uma sequência de textos os quais especificavam as transformações ocorridas no território brasileiro no decorrer dos anos e os fatos ocorridos em cada época, cada texto, trazia consigo um mapa especificando os territórios conquistados, os responsáveis pela ocupação e os meios utilizados para tal fato, permitindo, uma melhor compreensão dos alunos acerca do assunto e o provocando a fazer uma análise sobre as consequências socioeconômico e espacial ocorridas no meio

As práticas desenvolvidas consistiram, primeiramente, em uma montagem do material necessário e compatível com o nível de conhecimento dos discentes. Assim, foram introduzidos nos tablets (Figura 4) mapas, imagens, gráficos e os próprios textos, visto que a estagiária ficou livre para montar o seu material e dispor de meios atrativos para coordenar as ações.

**Figura 4:** Compartilhamento de conteúdo via Bluetooth com os alunos.



Fonte: Brito (2014).

A experiência demonstrou ser importante que os conteúdos fossem compartilhados no final de cada aula para não atrapalhar a dinâmica das mesmas e, pela flexibilidade e agilidade da ferramenta, os próprios alunos espalhavam o material entre si, contribuindo e compartilhando ensinamentos, desde o modo como utilizar o tablete até na busca de possíveis problemas técnicos que surgiram com os mesmos.

Nesta perspectiva, a prática exercida foi bem além da relação existente no processo de ensino e aprendizagem, entre professor e aluno, entre conteúdos e objetivos no ensino da Geografia; também foi além de introduzir ou não a internet na sala de aula, pois as práticas adotadas foram entendidas pela estagiária como sendo uma forma importante de encaminhar a reflexão acerca do tempo presente, que impõe as disparidades aqui citadas num mesmo espaço e que são supridas através de ações solidárias, como mostra a Figura 5.

**Figura 5:** alunas compartilhando arquivos.



Arquivos móveis de BRITO 17/08/2014

Estas ações foram bastante frequentes durante as aulas de Geografia desenvolvidas pela estagiária, em virtude de, tratar-se de um momento onde os alunos compartilhavam os conteúdos, interagiram e vivenciavam diferentes experiências, no caso específico, pode ser relatado um problema de leitura de arquivo, onde uma aluna ensinava a colega uma forma de abrir ou enviar os arquivos essenciais nas aulas, contribuindo assim, para o compartilhamento de experiências importantes no contexto, que vão além do ensino da disciplina específica.

Quanto a essas ações, percebe-se que a prática adotada vai além de troca de conhecimentos podendo ser entendida também como uma troca de valores, experiências e saberes desconhecidos por uns, conhecidos por outros ou pouco explorados por ambos quando se refere ao próprio tablete.

Contudo, é importante lembrar que, apesar da prática exercida ter apresentado resultados bastante satisfatórios, não basta apenas uma reestruturação dos conteúdos já consagrados nas disciplinas ou uma forma de representá-los, como foi com os tabletes, é preciso “propiciar aos alunos o desenvolvimento de um modo de pensar dialético, que é um pensar em movimento e por contradição, ou seja, dar significância as práticas, de

modo que estas devam ir além de formulações dos conteúdos, na busca e na solução de carências, mas a partir da necessidade de “aprender a observar a paisagem, do ponto de vista de sua ordenação territorial [...], referidos principalmente ao caráter de espacialidade de toda prática social” (CAVALCANTI, 2008, p.24).

Portanto, percebe-se que a proposta aqui desenvolvida buscou ir além da introdução de uma ferramenta tecnológica no processo de ensino, ela trouxe consigo a importante missão da reformulação do ensino de Geografia, pautada nas possibilidades que a Geografia tem de cumprir papéis politicamente voltados para interesses populares, considerando o saber e a realidade do aluno como referência para os estudos do espaço geográfico, propiciando ao aluno a compreensão do espaço geográfico em sua concretude e contradições.

No levantamento das atividades desenvolvidas, é importante salientar que, embora haja uma incorporação de novas propostas pedagógicas nas salas de aula, ainda persiste uma resistência muito grande aos novos métodos, como demonstra a reflexão de Cavalcanti (2008, p. 21):

Quanto aos aspectos pedagógico-didáticos das propostas de ensino de Geografia, persiste a crença, explícita ou não, de que para ensinar bem basta o conhecimento do conteúdo da matéria enfocada criticamente. Ou seja, para que o ensino de Geografia contribua para a formação de cidadãos críticos e participativos bastaria que o professor se preocupasse em trabalhar em sala de aula com conteúdos críticos baseados em determinados fundamentos metodológicos dessa ciência.

No entanto, durante a implantação do projeto foi possível perceber que essa política visionária das práticas tradicionais se espalha nas demais áreas do ensino, porém quando se trata do ensino de Geografia, essas discussões se ampliam, principalmente por se tratar de uma ciência que aborda muitos saberes e por se preocupar em explicar os conceitos de paisagem, lugar e espaço, que mudam constantemente e refletem essas mudanças na sociedade. Diante de tal constatação, Cavalcanti (2008) reforça o fato de que,

Percebe-se que as condições precárias do trabalho nas escolas dificultam o crescimento intelectual dos professores além da fragilidade da capacitação do docente em serviço e em parte por deficiências institucionais de divulgação das análises e propostas produzidas, na maioria, no ambiente restrito das universidades (Ibidem, p. 21).

E, para este último, reforça-se aqui a necessidade da integração entre estágio, universidade e escola, na construção de um ensino de melhor qualidade, desmistificando a ideia de que o estágio seja pautando numa série de observações, críticas e

comparações abstratas e sim num intercâmbio de experiências, que possam somar ao processo de ensino e aprendizagem aspectos de contemporaneidade e flexibilidade, atuando, assim, sobre ações coletivas do saber, envolvendo todos os sujeitos da aprendizagem, na busca por uma construção cidadã de conhecimento e práticas significativas, sem que seja necessária a manutenção de sujeitos escravos ou alienados aos livros ou as novas tecnologias digitais.

#### **4.3. Análise do uso dos tablets na construção do processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia**

Vivemos em uma sociedade fortemente marcada por tecnologias, na qual as fontes de informação se propagam rápido, para tanto, percebe-se que grande parte das escolas vem ao longo desse tempo acolhendo diferentes tecnologias de informação e de comunicação, visando atender algumas das solicitações da sociedade buscando se revelar mais moderna, no entanto, o professor, em sua formação, mostra-se quase sempre despreparado para incorporar tais recursos em suas práticas, diante, tanto da complexidade desse espaço, quanto da própria formação.

Em referência a experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado em Geografia, foram perceptíveis três importantes faces da sala de aula de escolas públicas em comunidades mais simples, onde os níveis de acessibilidade às tecnologias são muito distintos.

Na primeira, verifica-se uma escola que, dentro de suas possibilidades, mostra-se pouco preparada para acolher o aluno nativo digital, mas, que dispõe de alguns recursos que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem que, apesar de se mostrarem ultrapassados diante dos olhares desses discentes. Uma segunda face corresponde aos docentes que se encontram em uma via de mão dupla, onde são comprovadas as contribuições dos meios tecnológicos no ensino, mas que, por outro lado, não dominam a ferramenta tanto quanto seu aluno e, por fim, a terceira face, formada pela parcela de alunos privada desses recursos, que apresenta muita dificuldade de utilizá-los, bem como de compreender a dinâmica espacial global, o que é ainda mais preocupante.

Portanto, fica evidente que as transformações que a sociedade esperava que o computador provocasse no cotidiano ainda passam por grandes problemas, devido à complexidade espacial no contexto global. Para buscar solucionar tais questões, os

professores do Ensino Médio da Paraíba e alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Félix Araújo receberam, em 2013, tablets educacionais, que integram a proposta da modernização tecnológica da educação, com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da educação (FNDE).

De acordo com as informações do FNDE, o uso dos tablets é uma ação do PROINFO integrado, voltado para o uso didático-pedagógico das tecnologias da informação e da comunicação escolar, fato que implica na retirada das entradas para chips, levando-os a utilização desses meios apenas por meio da internet wi-fi, que deve ser parte integrante do projeto em todas as escolas beneficiadas, fato que nem sempre ocorre e que é utilizado como principal motivo para não utilização da ferramenta.

Em meio as diferentes ações propostas para uso dos tablets, em diferentes áreas do conhecimento, é relevante destacar algumas ações sugeridas pelo FNDE com a finalidade de promover a inclusão digital de alunos e professores da rede pública de ensino, a exemplo de uma das ações sugeridas, que se refere a alguns aplicativos gratuitos, disponíveis no próprio aparelho, mas que necessitam de internet para seu funcionamento a exemplo do Google mapas, além dos dispositivos de E-book, de pesquisa e jogos, que podem ser explorados via internet.

Assim, entendendo que a era da informação já passou e vivemos hoje na era do conhecimento, o objetivo consiste em tirar o melhor proveito dos aparelhos disponíveis no contexto de ensino/aprendizagem como uma ferramenta, de forma a compartilhar experiências e transformar o conhecimento em valor e estimular o interesse no conteúdo abordado, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem seja algo agradável para o aluno, bem como para o professor.

Portanto, o objetivo do projeto foi o desenvolvimento da uma ação que pudesse suprir as necessidades do material didático disposto aos alunos, bem como, fazer dos dispositivos uma ferramenta de apoio ao processo de ensino de Geografia do Brasil, entre outras disciplinas escolares adotadas no 2º ano do ensino médio.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino de Geografia ganhou novos olhares a partir de seu crescimento e suas contribuições no conhecimento referente aos mais diferentes aspectos naturais, sociais e econômicos, tornando-a uma área de múltiplos saberes, capaz de se tornar a base para a

interdisciplinaridade, dessa forma, não há porque ainda ser considerada uma disciplina monótona que, simplesmente, relate fatos ou descreva as formas e funções do espaço.

Contudo, a prática realizada por meio do projeto de implantação do uso do tablete como ferramenta didática na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo permitiu, além do conhecimento básico dos conteúdos, a possibilidade de interação entre os alunos, por meio do compartilhamento de saberes, troca de informações, despertando saberes sociais, que integram e promovem o conhecimento, levando o educando a compreender o mundo em que vive.

Apesar dos problemas enfrentados pela escola, a atividade implementada apresentou também reflexo nas práticas de outros professores, pois, a partir do compartilhamento das experiências, muitos passaram a também utilizar-se do tablete, para pequenas funções, mas que trazem resultados satisfatórios, como por exemplo, o compartilhamento de um dicionário de língua estrangeira.

Portanto, percebe-se que a inclusão digital se faz necessária na escola, mas a mesma deve ser feita com responsabilidade por parte dos governos e aceita com a mesma responsabilidade pelos docentes, pois nos encontramos em uma era digital, onde o público das escolas, em sua grande parte, já obtém conhecimento sobre a ferramenta aqui utilizada, mas por outro lado, é importante lembrar que, num contexto contemporâneo de globalização, as diferenças sociais aumentam, impedindo que muitos sequer tenham o conhecimento dessas tecnologias, impondo ao docente, a capacidade lógica de compreender os fatos e aprender lidar com essas disparidades.

Entretanto, é importante lembrar que a carência de recursos tecnológicos ou a acessibilidade destes na escola, não deve intervir no bom desempenho profissional, de modo, que as conclusões dos estagiários em seu retorno das escolas, não sejam compostas apenas por duras críticas aos professores regentes, que já trabalham inúmeros horários e em várias escolas e/ou a administração das instituições de ensino. Sendo assim, é necessário que estas experiências sejam além de válidas, possam também ser construtivas na reafirmação do estagiário como pesquisador, e como tal, o mesmo deve promover para a escola possíveis soluções para as questões em discurso.

Dessa forma, pode-se assim concluir que, o tablete consiste numa ferramenta extremamente importante e eficaz no melhoramento e na dinamização do ensino de Geografia, na ocasião foi utilizado apenas o compartilhamento de textos mapas e imagens, porém, existem infinitos meios os quais essa ferramenta pode colaborar com o processo de ensino aprendizagem listados desde um simples compartilhamento de

textos, a análise de imagens, músicas, vídeos, desenvolvimento de jogos e/ou aplicativos que podem e devem ser explorados em sala de aula com a perspectiva de melhorar a aprendizagem.

Portanto, é importante levar a tecnologia para a escola, é preciso inserir o aluno no contexto atual e, antes de tudo, é necessário preparar o profissional da educação e as escolas para a introdução dessas ferramentas tão importantes para a formação contemporânea do educando do séc.XXI. Para tanto, os estudos sobre o ensino de Geografia vem ampliando suas reflexões, sendo auxiliadas nos campos pedagógicos e da didática buscando sobretudo se apropriar das transformações ocorridas em áreas próprias de sua ciência, no caso, o espaço e a paisagem, transformando e potencializando as práticas.

### **Abstract**

The objective of this article is to promote a debate about the actions developed in the perspective of digital inclusion in Geography teaching, making it possible to relate the practices exercised in the daily school to the contributions of the Internship to the formation of the future professor of Geography, through the report of the developed during the Supervised Internship in Geography IV, realized at the State School of Primary and Secondary Education Félix Araújo, located in the municipality of Caturité-PB, the same was developed in the 2nd grade "B" class of the high school, where the main teaching resource for the development of the classes was the tablet. The method used was the phenomenological, analyzing how students relate culturally, socially and above all, how they experience the "virtual space" in a particular way, seeking to understand the different forms of appropriation of this lived space. The results obtained were satisfactory, since the resource used was effective in working with the contents of the series, as well as, it contributed in the teaching and learning process, making it dynamic, comprehensible and efficient, since the tablet is an instrument rich in information to increase knowledge. In this way, it is evaluated that the development of the Internship constitutes a differential in the life of the future professionals, since it has meanings and interpretations that go beyond the theory, contributing to the improvement of the quality of the teaching in the schools, besides reconfiguring the educational practices and communicative, according to the new socio-technical scenario.

Keywords: Supervised Internship. Teaching and learning in Geography. Initial formation.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

ANASTÁCIO, Amanda Rebello; SILVA, Márcio Tadeu da; PLÁCIDO, Vera Lúcia dos Santos. **A Geografia e a Interdisciplinaridade: possibilidades, limitações e perspectivas**. Disponível em: [http://egal2009.easyplanners.info/area02/2242\\_Amanda\\_Rebello\\_Anastacio.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area02/2242_Amanda_Rebello_Anastacio.pdf) acessado em 15/06/2015

ARAÚJO, Ulisses F. A. **Construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo. Moderna 2002.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. 16ª Ed. Campinas, SP. Papyrus 2010.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: contexto, 2008.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno o que é e como se faz**. 5º Ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado: 2º Ed**. São Paulo: contexto, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7º ED. São Paulo, Cortez, 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

PONTUSCHA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia: São Paulo: Cortez, 2007.**

VESENTINI, José William (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004 .

SAVANI, Demerval. **O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias. in: novas tecnologias, trabalho e educação**. Petrópoles/RJ, Ed.vozes,1994.

**A Perspectiva dos alunos sobre o uso do tablet no ensino de Geografia**. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV045\\_MD1\\_SA3\\_ID2911\\_07092015154302.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA3_ID2911_07092015154302.pdf) acessado em 10/03/2015